

1º seminário
internacional

urbanismo biopolítico

>>> *fluxos*

(orgs):

RENA, Natacha;

FREITAS, Daniel;

SÁ, Ana Isabel;

BRANDÃO, Marcela

ORGANIZAÇÃO

RENA, Natacha; FREITAS, Daniel; SÁ, Ana Isabel; BRANDÃO, Marcela (orgs.)

REVISÃO

Valéria França

PROJETO GRÁFICO

André Victor

LICENÇA CREATIVE COMMONS

Atribuição-SemDerivações-SemDerivados

CC BY-NC-ND

1ª edição (livro digital): abril de 2018

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

Editora Fluxos

RENA, Natacha; FREITAS, Daniel; SÁ, Ana Isabel; BRANDÃO, Marcela (orgs.)

I Seminário Internacional Urbanismo Biopolítico / Organizadores
Natacha Rena, Daniel Freitas, Ana Isabel Sá, Marcela Brandão – Belo
Horizonte: Fluxos, 2018. 1150 p. : 17 x 24 cm

ISBN 978-85-68874-04-2

1. Arquitetura – Estética. 2. Arte e arquitetura. 3. Arquitetura e urbanismo.

CDD-701.17

Apresentação do I Seminário Internacional Urbanismo Biopolítico

**RENA, Natacha; FREITAS, Daniel; SÁ, Ana
Isabel; BRANDÃO, Marcela**

1. Apresentação do I Seminário Urbanismo Biopolítico do Indisciplinar^[1]

Esta é uma publicação digital, um *ebook*, que registra o I Seminário Internacional Urbanismo Biopolítico - Urbanismo neoliberal e a Produção do comum urbano. Trata-se de uma ação extensionista do Indisciplinar, grupo de pesquisa vinculado ao CNPq e à Escola de Arquitetura da UFMG.

[1] Blog do evento: <<http://seminariourbanismobiopolitico.indisciplinar.com/>>.

2. O grupo Indisciplinar^[2]

“Às vezes se concebia a prática como uma aplicação da teoria, como uma consequência; às vezes, ao contrário, como devendo inspirar a teoria, como sendo ela própria criadora para com uma teoria vindoura. De qualquer modo, suas relações eram concebidas como um processo de totalização, num sentido ou noutro. Talvez, para nós, a questão se coloque de outra maneira. As relações teoria-prática são muito mais parciais e fragmentárias. Por um lado, uma teoria é sempre local, relativa a um pequeno domínio, e pode ter sua aplicação em outro domínio, mais ou menos afastado. A relação de aplicação nunca é de semelhança. Por outro lado, desde que a teoria penetre em seu próprio domínio, por outro tipo de discurso (é este outro tipo que permite eventualmente passa a um domínio diferente). A prática é um conjunto de revezamentos de um ponto teórico a outro, e a teoria um revezamento de uma prática a outra. Teoria alguma pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro, e é preciso a prática para atravessar o muro. (...). É isso, uma teoria é exatamente como uma caixa de ferramentas. Nada tem que ver com o significativo ... É preciso que sirva, é preciso que funcione.”

(DELEUZE, 2006, p.265)

O grupo de pesquisa Indisciplinar é formado por professores (as), pesquisadores (as), alunos (as) de graduação e pós-graduação oriundos (as) de diversos campos do conhecimento (arquitetura, urbanismo, geografia, economia, ciências políticas, literatura, artes, meio ambiente, etc.) e possui suas ações focadas tanto no monitoramento da produção capitalista do espaço urbano, quanto na produção de novos modos de vida alternativos aos padrões estabelecidos pelos grandes centros de poder.

[2] Blog do grupo: <<http://blog.indisciplinar.com/>>; fanpage do grupo: <<https://www.facebook.com/indisciplinar.ufmg/>>.

Os modos de fazer envolvendo tecnopolíticas e tecnologia social são fundamentais para legitimar as ações do grupo, são eles: desenvolvimento de pesquisas teóricas e conceituais; coordenação de Grupos de Estudos (internos do Indisciplinar ou em rede com movimentos e gabinetes de governo); participação em reuniões e atos junto aos movimentos sociais; participação em atividades políticas como audiências públicas e reuniões de conselhos municipais e estaduais; auxílio na organização tecnopolítica dos movimentos parceiros via produção de *fanpages*, blogs, cartilhas, memes, *flyers*, documentários, infográficos, revistas, livros jornais; produção e participação em eventos artísticos, políticos e culturais como o VAC, o Cidade Eletronika, dentre outros; representações em Ministério Público; representação em Conselho Municipal; produção de cartografias e mapas colaborativos; formação de rede entre grupos de pesquisa; realização de aulões públicos, seminários, *workshops* e outros eventos acadêmicos abertos; pesquisas de graduação, pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado); artigos científicos em revistas indexadas e, também, organização de uma revista Indexada denominada Indisciplinar.^[3]

Associado ao Grupo de Pesquisa Indisciplinar existem 3 programas de extensão: (i) Programa IndLab - que abriga 3 projetos de extensão (Plataformas Tecnopolíticas, Cartografia das Lutas e Geopolítica e Cidades); (ii) Programa Natureza Política, que abriga 3 projetos de extensão (Artesanias do Comum, Cartografias Emergentes e Natureza Urbana); (iii) Programa IndUrb, que abriga 2 projetos de extensão (BH S/A e Plataforma Urbanismo Biopolítico, Seminário Internacional Urbanismo Biopolítico).

Diversos projetos que estão associadas ao grupo, de pesquisa e/ ou de extensão, podem estar vinculados ao PRPq – UFMG e financiados pelas Agências de fomento à pesquisa (Capes, Fapemig e CNPq), como também relacionados a Programas de Extensão da UFMG. As investigações envolvem, principalmente, uma nova rede de pesquisadores associada ao INCT “Tecnopolíticas: territórios urbanos e redes digitais” aprovado pelo CNPQ em 2016.

[3] Para maiores informações acessar:< <http://blog.indisciplinar.com/>>; Revista Indisciplinar: <<https://www.facebook.com/revistaindisciplinar/>>

Considerada a importância dos processos de globalização e a produção biopolítica nas/das metrópoles como constitutiva do espaço social, o grupo imbrica, indissociadamente, teoria e prática. As frentes de ação vinculadas aos projetos que estão vinculados aos programas do grupo envolvem, portanto, uma atuação cotidiana: tanto em processos destituíntes relacionados ao urbanismo neoliberal, quanto em processos constituintes de novos espaços engendrados pela coletividade social em uma abordagem transversal.

Como a equipe do Indisciplinar se integra em rede com diversos atores, faz-se fundamental a criação de eventos nos quais os diversos projetos realizados pelo grupo possam servir para troca de experiências com outros pesquisadores e militantes urbanos e este é, certamente, o caso deste Seminário Internacional que aconteceu em sua primeira edição em novembro de 2018.

3. I Seminário Internacional Urbanismo Biopolítico realizado em 2017

“Creio que Félix Guattari e eu, talvez de maneiras diferentes, continuamos ambos marxistas. É que não acreditamos numa filosofia política que não seja centrada na análise do capitalismo e de seu desenvolvimento. O que mais nos interessa em Marx é a análise do capitalismo como sistema imanente que não pára de expandir seus próprios limites, reencontrando-os sempre numa escala ampliada, porque o limite é o próprio Capital.”

(DELEUZE, 1992, p. 212)

O I Seminário Internacional Urbanismo Biopolítico aconteceu entre os dias 21 e 26 de novembro de 2017 no espaço Cento e Quatro, situado na região central de Belo Horizonte. O evento teve como propósito dar ênfase aos temas principais das pesquisas extensionistas realizadas pelo grupo de pesquisa. O Indisciplinar tem objetivos centrais para sua atuação cotidiana: (i) desvendar a perversidade

dos instrumentos utilizados pelo Estado-capital para a financeirização do espaço urbano, cartografando os atores públicos, privados e cidadãos, e os múltiplos interesses em jogo no campo de disputa pelo território; (ii) atuar propositivamente nos processos que ativam e consolidam a produção do comum e as redes de luta urbana; (iii) adotar métodos envolvendo tecnologias, dispositivos, para realização dos dois objetivos anteriores.

Este Seminário se insere, portanto, num contexto em que a produção do espaço urbano tem se tornado, cada vez mais, um ponto nevrálgico, tanto subsidiando a acumulação crescente do capital, quanto abrigando inúmeras resistências a esse avanço. Pretendeu-se convergir diversos processos cartográficos, rastreando o conjunto de forças que constituem tais disputas nas metrópoles contemporâneas – envolvendo tanto o Urbanismo Neoliberal (do Estado-capital) quanto o Urbanismo Biopotente (das resistências positivas e cidadãs, que agregam inteligência coletiva em processos colaborativos de luta por mais democracia).

O método de investigação-ação do grupo de pesquisa Indisciplinar é, deliberadamente, um ato político, na medida em que adota-se ferramentas de mapeamento territorial entrecruzadas com ações cotidianas junto a atores das resistências, assim como busca-se uma atuação técnica e política focando no *ponto cego das lutas* – entre as resistências locais e o poder público associado ao capital. Importante afirmar que o Indisciplinar parte do entendimento que o Estado-capital produz e detém informações complexas (territoriais, jurídicas, econômicas) envolvendo a macro política das principais questões urbanas, deixando zonas obscuras nos processos de construção institucional do espaço, e, por isso, se propõe ao desafio de unir grupos acadêmicos aos múltiplos atores envolvidos com as disputas urbanas.

Os modos de cartografar envolvendo tecnopolíticas têm sido fundamentais para as ações do grupo e são, também, uma temática transversal ao evento. Desse modo, este Seminário, assim como este ebook produzido a partir dos artigos selecionados, pretende construir uma pequena cartografia das redes de pesquisa-extensão presentes nos territórios em disputa no país.

3.1 Antecedentes

“O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como uma obra de arte.”

(DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.22).

A produção cartográfica do grupo Indisciplinar, envolvendo as lutas territoriais em Belo Horizonte, pode ser sintetizada em uma cronologia de eventos, percebidas como sendo picos de intensidade da atividade cartográfica do grupo, como também, momentos propícios para a conexão de novos atores e constituição de novas redes, incorporando experiências e ações políticas acadêmicas, culturais, artísticas, que nos auxiliam na ampliação da produção do conhecimento por meio de trocas intelectuais e afetivas. Apresenta-se aqui um breve histórico dos eventos realizados já como grupo de pesquisa formalmente registrado no CNPq desde 2014:

(i) Em fevereiro de 2014 aconteceu a ação cultural e acadêmica denominada “Cartografias Biopoderes”^[4], que consistiu em um conjunto de ações (seminário + workshops) objetivando aglutinar formas de cartografar criticamente a cidade e suas dinâmicas biopolíticas territoriais. Dentro deste evento foi realizado o primeiro workshop junto com o pesquisador espanhol Pablo de Soto, denominado “Mapeando o Comum em BH”^[5], que envolveu uma miríade de coletivos, ativistas,

milитantes e pesquisadores que atuavam junto das lutas territoriais em Belo Horizonte. Muitas cartografias foram realizadas coletivamente nas áreas atingidas por uma operação urbana consorciada, a OUC Nova BH, em curso naquele momento. Neste mesmo evento, também foram realizados outros workshops como o “Entre Muros” ou o “Cartografia Afetiva _ Vila Dias”^[6], assim como o workshop “Fazer - Trabalhar”^[7];

(ii) Como resultado deste processo envolvendo as atividades do evento Cartografias Biopoderes, iniciou-se o projeto “Cartografias Emergentes - A distribuição territorial da produção cultural em Belo Horizonte”^[8] através do qual realizamos uma série de workshops junto a redes de parceiros, também dentro de uma disciplina oferecida na Escola de Arquitetura, aberta a todos os alunos da UFMG, a UNI 009 - Oficina Multidisciplinar - Cartografias Emergentes;

(iii) Durante os meses de junho, julho, agosto de 2014 aconteceu em São Paulo o “Multitude”^[9], evento realizado pelo Sesc Pompéia, no qual o grupo participou ativamente do seu processo de construção e realização;

(iv) a realização dos “Mappings The Commons”^[10], já ocorrida em Belo Horizonte,

[6] Com Ana Ortega do Architectura Expandida e o programa extensionista Desejaca.

[7] Com o pesquisador convidado Gabriel Zea. Ver: Cartografias Emergentes das Lutas (SÁ, et al, 2014).

[8] Projeto financiamento pelo CNPq/MinC/SEC edital No 80/2013. Também sobre estas cartografias ver o capítulo - “Cartografias emergentes da cultura” - escrito pelas pesquisadoras Ana Isabel Anastasia de Sá, Fernanda Quintão, Natacha Rena, Paula Bruzzi Berquó no livro Design e Política: <editora.fluxos.org/LivrosPDFDownload/DesignPolLivro_Final.pdf>.

[9] O evento Multitude contou também com curadoria geral de Lucas Bambozzi e Andrea Saturnino, assim como curadorias específicas com Peter Pál Pelbart, Lúcio Agra, Natacha Rena, dentre outros. Ver: multitude.sescsp.org.br/sobre-o-projeto/index.html. Neste evento foi realizado o workshop Mapeando o Comum em São Paulo. Ver: <multitude.sescsp.org.br/mapeamentos/index.html>.

[10] Projeto criado e coordenado pelo pesquisador e ativista espanhol Pablo de Soto: <mappingthecommons.net/pt/info>.

[4] Ver: <blog.indisciplinar.com/eventos-2014/cartografias-biopoderes-verao-arte-contemporanea-2014>.

[5] Disponível em: <mappingthecommons.net/pt/belo-horizonte>.

tinha a intenção de articular também em São Paulo os grupos e coletivos ativistas urbanos para pensarem juntos estratégias e táticas de articulação entre as lutas, gerando debates, informações e mapas produzidos coletivamente;

(vi) Durante os meses de julho e agosto de 2014, o grupo de pesquisa Indisciplinar em parceria com o Espaço do Conhecimento UFMG ^[11], organizou o evento “Cartografias do Comum”, que contou com uma série de atividades como debates, oficinas, mostras de filmes, seminários e a exposição. O evento foi totalmente realizado com a participação horizontal de grupos, coletivos e movimentos sociais de Belo Horizonte que pesquisam e atuam tendo como foco a construção do comum^[12];

(vi) Em agosto de 2014 foi realizado na Escola de Arquitetura da UFMG o seminário “Multiplicidades”^[13], inaugurando o debate sobre a construção de uma rede entre universidades, grupos de pesquisa, movimentos sociais e coletivos culturais e artísticos para construção da rede INCT - “Tecnopolíticas: territórios urbanos e redes digitais”^[14], atualmente aprovada pelo CNPq e em fase de reformulação;

(vii) Em fevereiro 2015, o Indisciplinar realizou o “Tecnopolíticas, democracia e urbanismo tático”^[15], evento envolvendo seminário e workshop e que reuniu um grupo de profissionais e pesquisadores interessados na investigação e na aplicação das tecnologias digitais de comunicação aos processos de produção do espaço urbano. Contamos com a participação de diversos atores e grupos da rede “Tecnopolíticas: território urbano e redes digitais”^[16].

[11] Ver: <blog.indisciplinar.com/807/>.

[12] Ver: <espacoconhecimento.org.br/?p=8813>; >http://mappingthecommons.net/pt/sao-paulo/

facebook.com/media/set/?set=a.684955338262632.1073741847.425668724191296&type=3>.

[13] Ver: <blog.indisciplinar.com/847>.

[14] Ver: <facebook.com/media/set/?set=a.684955338262572.1073741848.425668724191296&type=3>.

[15] Ver: blog.indisciplinar.com/tecnopoliticas-democracia-e-urbanismo-tatico

[16] Ver: <facebook.com/media/

(viii) Em 2015 enviou-se o projeto para o edital do Ministério da Ciência e Tecnologia para constituição e continuidade de INCTs brasileiros com a rede “Tecnopolíticas: territórios urbanos e redes digitais”^[17];

(ix) Ainda em outubro de 2015 o Indisciplinar participou da organização e curadoria do evento Cidade Eletronika: Tecnopolíticas Do Comum: Artes, Urbanismo e Democracia, que reuniu palestras, exposições e workshops, incluindo um processo envolvendo a produção da topologia de rede vinculada ao projeto “Cartografias Emergentes da Cultura”^[18]. O evento deu origem à publicação de um ebook disponível para download gratuito.^[19]

(x) No início de 2016 aconteceu o VAC “Natureza Urbana e Produção do Comum”^[20] onde aconteceram importantes trocas de experiências envolvendo a Rede Verde, o Espaço Comum Luiz Estrela e a Ocupação Eliana Silva com movimentos de outras cidades como o Ocupe Estelita (Recife-PE);

(xi) Em 2017, também no evento curado por nós dentro da programação do VAC “A razão neoliberal ataca o território: gentrificação e re-colonização na produção do espaço”^[21], contamos com a participação de pesquisadores do Indisciplinar

set/?set=a.782621678495997.1073741853.425668724191296&type=3

editora.fluxos.org/LivrosPDFDownload/Rena_Bambozzi_Rena_ELTK_Cidade_Baixa.pdf>.

[17] Em 2014 enviamos o projeto para o edital INCT com a rede “Tecnopolíticas: territórios urbanos e redes digitais” para o edital de chamada INCT - MCTI/CNPq/CAPES/FAPs nº 16/2014 que foi contemplado em 2016. Este projeto de rede foi coordenado de forma colaborativa entre pesquisadores do Indisciplinar Marcelo Maia, Natacha Rena, Janaína Marx, Hernan Espinoza, Ana Isabel Anastasia de Sá, assim como envolvendo a colaboração também de pesquisadores nacionais e internacionais: <facebook.com/tecnopoliticasVAC2015/>. Acesso dia 21/11/2017.

[18] Ver: <blog.indisciplinar.com/cartografias-criticas-cnpqminc>.

[19] Ver: <https://www.dropbox.com/sh/8qjqs6knk3knvj/AADZdKU7YW8DMk0u3Xd5z75Pa?dl=0>

[20] Ver: <facebook.com/naturezaurbanavac2016>.

[21] Ver: <facebook.com/pg/indisciplinar.ufmg/photos/?tab=album&album_id=1254816197943207>.

e outras pesquisadoras da UFMG. Neste momento também realizou-se o lançamento do blog InDebate^[22], que se configurou-se, ao longo deste último ano, como ferramenta de debate e circulação dinâmica dos conteúdos produzidos pelo grupo;

(xii) Em 2017 iniciou-se o projeto “Financiamento do desenvolvimento urbano, planejamento, inclusão socioterritorial e justiça social nas cidades brasileiras” com a rede de pesquisa formada pelos grupos LabCidade (SP), Praxis (BH), Indisciplinar (BH) e LeHab (BH). Esta rede configurada teve como momento importante de seu processo de construção coletiva, a realização da Sessão Livre para o XVII ENANPUR^[23] “Ativismo Urbano: novas formas de conflitos territoriais”;

(xiii) Ainda em novembro de 2017, o grupo realizou o I Seminário Urbanismo Biopolítico, o qual será detalhado mais à frente neste *ebook*;

(xiv) Em janeiro de 2018, realizou-se o Cidade Eletronika denominado “Microinvenções urbanas: tecnopolíticas do cotidiano para reinventar as cidades”^[24], no qual experimentou-se pela primeira vez uma plataforma digital - “IndAtlas” - para cartografar o bairro linkando linha do tempo, mapa e rede de atores envolvidos nas disputas territoriais locais que o grupo vem desenvolvendo;

[22] Ver: <indebate.indisciplinar.com>

[23] Essa Sessão Livre “Ativismo Urbano: novas formas de conflitos territoriais” apresentada no XVII ENANPUR foi mediada por Natacha Rena (UFMG) e Pedro Arantes (Unifesp) à convite da professora Raquel Rolnik (LabCidade | USP) que coordena, junto de Paula Santoro (LabCidade | USP) e envolveu o projeto de Pesquisa “Financiamento do desenvolvimento urbano, planejamento, inclusão socioterritorial e justiça social nas cidades brasileiras”. Foram realizadas as seguintes apresentações: “Novas formas de resistência em São Paulo” por Raquel Rolnik e Luanda Vannuchi (LabCidade | USP); “Lutas multitudinárias ativistas e movimentos sociais militantes” por Bernardo Neves e Natacha Rena (Indisciplinar | UFMG); “A cidade em movimento” por Valéria Pinheiro (LeHab | UFC); “Movimentos sociais urbanos no contexto de megaeventos no Rio de Janeiro: mobilização, resistência e perspectivas” por Renato Cosentino (ETERN | UFRJ).

[24] Ver: <https://www.facebook.com/pg/indisciplinar.ufmg/photos/?tab=album&album_id=1568921773199313>.

(xv) Ainda no início de 2018, em fevereiro, dentro do projeto Verão Arte Contemporânea, o grupo foi responsável pela curadoria de mais um evento, o Seminário “Comum | Público. Monólogos 7 X 7”^[25], no qual, em duas noites seguidas, professoras e pesquisadoras associadas ao Indisciplinar e movimentos sociais parceiros proferiram monólogos abordando o tema proposto;

(xvi) E, por fim, estamos em plena preparação para o “II Seminário Internacional Urbanismo Biopolítico”^[26] que irá acontecer ao final de julho de 2018.

[25] Ver: <https://www.facebook.com/pg/indisciplinar.ufmg/photos/?tab=album&album_id=1592055040885986>.

[26] Ver: <<https://www.facebook.com/events/1017478001751057/>>

O restante do Seminário (22, 23 e 24 de novembro) se distribuiu em três eixos principais e em cada dia ocorreram Mesas Redondas com convidados e mediadores pesquisadores do grupo Indisciplinar durante as manhãs, assim como Sessões Temáticas com palestras de abertura na parte da tarde, seguidas de apresentações de artigos selecionados a partir de uma chamada ampla, descritas a seguir. No fim de semana seguinte (dias 25 e 26 de novembro), foi realizado um workshop na região central de Belo Horizonte com o coletivo Left Hand Rotation e coordenado pelo grupo de pesquisa Indisciplinar denominado “A corrida imobiliária no centro de Belo Horizonte”.

Eixo 01 - Urbanismo Neoliberal

“(...) o neoliberalismo transformou as regras do jogo político. A governança substituiu o governo; os direitos e as liberdades têm prioridade sobre a democracia; a lei e as parcerias público-privadas, feitas sem transparência, substituíram as instituições democráticas; a anarquia do mercado e do empreendedorismo competitivo substituíram as capacidades deliberativas baseadas em solidariedades sociais.”

(HARVEY, 2013, p.32)

A Mesa 1 - Urbanismo Neoliberal – com os palestrantes nacionais, a arquiteta Mariana Fix (UNICAMP – SP) e David Sperling (IAU-USP), tendo como mediador o arquiteto Daniel Freitas (pesquisador do Indisciplinar UFMG, Belo Horizonte), aconteceu no dia 22 de novembro de 2017.



Figura 4 - Atividades do Eixo 1 - Urbanismo Neoliberal

FOTOS: Lucca Mezzacappa

A mesa redonda Urbanismo Neoliberal promoveu debate entre experiências nacionais e internacionais relacionadas ao modo como as frentes de neoliberalização incidem sobre a produção do espaço urbano, especialmente sobre os municípios. Na primeira fala da mesa, o arquiteto David Sperling problematizou a disputa por narrativas urbanas, tratando experiências de mapeamento cognitivo enquanto processos políticos a partir de quatro experiências de discussão da cidade neoliberal. Na fala seguinte, a arquiteta Mariana Fix, após discutir o histórico de neoliberalização e financeirização nas cidades brasileiras, problematizou as especificidades desses processos em economias de capital dependente, em especial nas transformações no circuito imobiliário.

Na parte da tarde, a apresentação de seis artigos selecionados possibilitou um amplo debate orientado pela construção de estratégias de avaliação e propostas de agendas de pesquisa sobre o tema, incluindo a troca de experiências sobre as novas modalidades de Parceria Público-privada e as recorrências e impactos territoriais, avançando na promoção de intercâmbios entre pesquisadores, ativistas e técnicos para aprofundamento do debate sobre as estratégias e instrumentos do urbanismo neoliberal e as formas de resistência.



Figura 5 - Nuvem de palavras gerada a partir dos artigos do eixo 1 - Urbanismo Neoliberal

FONTE: Indisciplinar

Compõe esta publicação o conjunto de 24 artigos selecionados, incluindo os seis artigos acima, que abordam o tema da neoliberalização a partir de diferentes chaves teóricas e opções metodológicas. No plano dos conceitos, os artigos abrangem, de um lado, o conjunto de inflexões econômicas e políticas que caracterizam o neoliberalismo, incluindo as diferentes frentes com que estas infiltram na política urbana local; e, de outro lado, a violenta imposição da razão neoliberal a todas as escalas das relações sociais. No plano do território, os artigos demonstram, a partir de diferentes escalas de estudo de caso, o modo como o neoliberalismo permeia a produção do espaço urbano, a produção de habitações, o planejamento de cidades globais e de cidades médias, as práticas de mineração e os grandes projetos de reestruturação urbana. Em muitos dos artigos, a segregação socioespacial é lembrada como um dos componentes essenciais para estes processos de produção do espaço urbano, contribuindo para diferentes formas de violação de direitos, mas também promovendo a articulação e fortalecimento de formas de resistências.

Eixo 02 - Produção do Comum

“Pois trata-se sempre da vida, na sua dimensão de produção e de reprodução, que o poder investe, e que, no entanto, é o caldo a partir do qual emergem os contra-poderes, as resistências, as linhas de fuga. Daí a presença insistente do prefixo bio nesse leque conceitual. Biopoder como regime geral de dominação da vida, biopolítica como uma forma de dominação da vida que pode também significar, no seu avesso, uma resistência ativa, e biopotência como a potência de vida da multidão, inclui o trabalho vital, o poder de agir, a potência de autovalorização que se ultrapassa a si mesma, a constituição de uma comunialidade expansiva (...)”

(PELBART, 2003, p. 86)

A Mesa Redonda 02 – Produção do Comum - com o palestrante Nabil Bonduki (USP) e Tais Portela (UFBA), tendo como mediadora a arquiteta Marcela Brandão (pesquisadora do Indisciplinar UFMG, Belo Horizonte), aconteceu no dia 23 de novembro de 2017.



Figura 6 - Atividades do eixo 2 - Produção do Comum
FOTOS: Lucca Mezzacappa



A proposta do eixo 2 - Produção do Comum - foi a de colocar em discussão tanto o urbanismo neoliberal, quanto às resistências voltadas para a produção do comum, a partir, inclusive, da sua relação com o conceito de público. Tal interesse surgiu a partir da percepção de que o discurso dos defensores do neoliberalismo sobre a importância e as vantagens de um Estado mínimo se aproxima, em

trazendo para a discussão do eixo mais um desafio a se enfrentar: o da avaliação e validação de práticas não baseadas em evidências numéricas e quantificáveis.

Dentre os artigos selecionados para publicação, seis foram convocados para a apresentação na sessão temática desse eixo, tendo como critério a representatividade de todas as vertentes identificadas. Essa sessão aconteceu na parte da tarde e contou para a sua abertura com a pesquisadora Mariana Moura, que também conduziu a mediação do debate que se seguiu às apresentações.

Eixo 03 – Tecnopolíticas do Urbano

“É certo que entramos em sociedades de ‘controle’, que já não são exatamente disciplinares. Foucault é com frequência considerado como o pensador das sociedades de disciplina, de sua técnica principal, o confinamento (não só o hospital e a prisão, mas a escola, a fábrica, a caserna). Porém, de fato, ele é um dos primeiros a dizer que as sociedades disciplinares são aquilo que estamos deixando pra trás, o que já não somos. Estamos entrando nas sociedades de controle, que não funcionam mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea. (...) A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para a sociedade de controle. Mas as máquinas não explicam nada, é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas são apenas uma parte.”

(DELEUZE, 1992, p. 215 - 216)

A Mesa Redonda 03 – Tecnopolíticas do Urbano - com o palestrante internacional, Gabriel Zea (Bogotá, Colômbia); Prof. Clodoveu Davis (DCC - UFMG) e como mediadora a arquiteta Ana Isabel de Sá (Profa. IFMG / Santa Luzia e pesquisadora do Indisciplinar / UFMG) aconteceu no dia 24 de novembro de 2017.



Figura 8 - Atividades do eixo 3 - Tecnopolíticas do Urbano

FOTOS: Lucca Mezzacappa

O eixo 3 - Tecnopolíticas do Urbano - propôs discutir a impregnação do território pelas tecnologias digitais de comunicação em suas múltiplas esferas, partindo do pressuposto de que elas são, atualmente, parte indissociável da experiência e da organização das metrópoles contemporâneas. Estando presentes tanto em processos de financeirização e neoliberalização, quanto em dinâmicas voltadas a formas de articulação e decisão coletivas, os dispositivos tecnopolíticos atuam na produção de subjetividades, nas políticas públicas urbanas, ou no compartilhamento e distribuição de infraestruturas e serviços. O debate acerca da produção espacial passa a envolver, também, questões ligadas à vigilância, ao controle de dados cidadãos e à proteção da privacidade.

Os palestrantes convidados do eixo foram o artista Colombiano Gabriel Zea e o Prof. Clodoveu Davis, do Departamento de Ciências da Computação da UFMG. Gabriel Zea apresentou trabalhos recentes nos quais reflete sobre a relação entre tecnologia digital, corpo e trabalho, passando pelo papel do mercado da arte nesses processos. O Prof. Clodoveu Davis, por sua vez, abordou aspectos voltados às potencialidades e desafios do uso de dados espaciais para a análise e interação com as dinâmicas urbanas, focando sobretudo no debate acerca da relação entre o acesso a tais dados e o exercício da cidadania na contemporaneidade.



Figura 9 - Nuvem de palavras gerada a partir dos artigos do eixo 3 - Tecnopolíticas do Urbano

FONTE: Indisciplinar

Foram selecionados para publicação textos que abordam as tecnopolíticas urbanas sob múltiplos aspectos, no intuito de fornecer ao tema uma abordagem diversa e transdisciplinar. Os trabalhos se voltaram a discutir desde as repercussões do Uber nas relações de trabalho e na geopolítica, até a proposição de plataformas digitais para a governança e a participação popular, passando pelo papel da mídia na construção de narrativas sobre usuários de crack. Dessa forma, procurou-se situar o debate no intrincado campo de disputas e de contradições que caracteriza a atuação contemporânea das redes informacionais.

4. Workshop “A corrida imobiliária no centro de Belo Horizonte”^[27]

Após quatro dias de palestras, apresentações e debates, o seminário foi fechado com um workshop coordenado pelo Grupo de Pesquisa Indisciplinar e ministrado pelo coletivo *Left Hand Rotation*. Essa atividade aconteceu nos dias 25 e 26 de novembro, na região central de Belo Horizonte, e contou com discussões sobre os atuais processos de gentrificação na cidade, produção de mapas, imagens e peças gráficas, que subsidiaram os trabalhos de intervenção realizados na região^[28].

Considerando que Belo Horizonte foi planejada e construída sobre um arraial já consolidado à época, o Arraial Curral Del'Rey, partiu-se do pressuposto que o primeiro processo de gentrificação na cidade ocorreu na sua criação, há 120 anos atrás. A intervenção proposta pelo coletivo e realizada no workshop foi desenvolvida, então, a partir dessa comemoração às avessas.

O workshop contou com a participação de pesquisadores, militantes, ativistas e

coletivos: Grupo de pesquisa Indisciplinar (Natacha Rena, Marcela Brandão, Marília Pimenta, Junia Ferrari, Lucca Mezzacappa, Mariana Moura, Fernanda Nobre e Raul Lemos), Tarcísio Moraes (Associação dos Moradores de Rua de Belo Horizonte), Ana Beatriz Mascarenhas, Ana Laura Souza Vargas, Beatriz Lobato, Carolina Vieira, Isabella Betoni, Jansen Faria, Jéssica, Karina Dias Gea, Luciano dos Santos Diniz, Marcela Soares, Maria Soalheiro, Mariana Gonçalves, Rafael Torga Bellardini de Castro, Telma Eugênio.



[27] <https://docs.google.com/forms/d/1Pd0nemdb3WQv2HquFpg4L2G-TT9cYawHP_ugJs01yi8/viewform?edit_requested=true>

[28] Parte das imagens foram obtidas no terceiro “*mutirão andante*” realizado pelo Conselho Consultivo Zona Cultural Praça da Estação, que são caminhadas em grupo realizadas com todos os conselheiros e demais interessados. Os mutirões a partir das questões que aparecem nos trajetos tornam possível o diálogo entre representantes de diferentes grupos que atuam ou utilizam esse território (moradores do centro, moradores de rua, funcionários da prefeitura, produtores culturais, representantes de movimentos, representantes de órgãos responsáveis pela gestão e manutenção do espaço, etc.), muitas vezes complexificando questões já tratadas no conselho permitindo que as discussões se aprofundem em reuniões temáticas. A partir de 2018 o Conselho passa a se chamar Fórum permanente de discussão da Zona Cultural Praça da Estação. O grupo indisciplinar atua no território da Zona Cultural desde 2013 junto de movimentos sociais e culturais da região, denunciando os impactos dos projetos previstos para a região e o processo de gentrificação em curso, e no Conselho da Zona Cultural desde o seu início em 2015, participando da construção de diretrizes anti-gentrificadoras para a zona, com a Frente de Ação extensionista “Zona Cultural”, parte do projeto “Plataforma Urbanismo Biopolítico”.



Figura 10 - Workshop "A corrida imobiliária no centro de Belo Horizonte"
FOTOS: Indisciplinar

Texto da chamada aberta para participação no workshop contendo a contextualização das questões sociais e urbanas que envolvem a região central da cidade^[29]

Nas últimas décadas a região da Praça da Estação passou a ser alvo de diversas expedições urbanísticas, patrocinadas pelo Governo em parcerias público-privadas, ou financiadas pelos próprios empreendedores que, como bandeirantes, desbravaram o território em busca de preciosidades, estimulados por lendas sobre riquezas no interior da cidade.

No início, a extração de capital na cidade foi feita nas margens, explorando as minas do desenvolvimento urbano até o momento onde houvesse lucro. Após o esgotamento do mineral no local, os garimpeiros precisaram procurar fontes em outros lugares. Mas

o garimpo é uma forma de extrair riquezas pouco ambiciosa, utilizando-se, na maioria das vezes, poucos recursos, baixo investimento e ferramentas rústicas.

Satisfazer à Coroa dos grandes extratores do mercado imobiliário requeria a conquista de uma nova fronteira urbana: o hipercentro. Nos anos 2000 parte a entrada nomeada como Operação Urbana Consorciada Vale do Arrudas, financiada pelos cofres públicos e em favor dos interesses do mercado imobiliário. Os principais objetivos desta expedição, além da busca do precioso metal e mão de obra escrava nas várias atividades cotidianas, foi o combate às resistências de muitos grupos hostis a colonização urbana, e a localização e destruição de quilombos culturais formados por aqueles fugidos das lógicas neoliberais. Durante o auge do período de exploração dos megaprojetos, diversos povoados foram fundados nos centros urbanos. Mas, no entanto, e ainda que a história às vezes o esqueça, tratasse tão só de uma substituição de população de baixos recursos por outra de maior poder aquisitivo já que, invariavelmente, entre as consequências das megaexpedições estão as remoções de inúmeros povos indígenas que habitavam essas áreas, espalhando violência e graves problemas sociais.

Muitos são atraídos ao hipercentro pela ilusão do enriquecimento rápido, mas a exploração da cidade exige diversos investimentos, como mão-de-obra, equipamentos de mineração e a compra de terrenos. Somente aqueles que possuam capital para esses investimentos conseguiram lucrar com esse mercado. Na lógica da exploração, a riqueza arrancada pelo esforço, suor e sangue dos escravos não trará progresso, apenas desigualdade. Será possível mudar as ferramentas de exploração por outras de produção coletiva do espaço?

Ainda há minas abandonadas pelos proprietários no centro de Belo Horizonte, que esperam a valorização da região para investirem em seus imóveis. Além das possibilidades de lucro aos agentes privados envolvidos, estas minas escondem outras riquezas. São espaços de possibilidade para os grupos sociais vulnerabilizados, alternativas ao urbanismo neoliberal que mina a cidade. Após séculos, ainda hoje, inconfiências insurgentes continuam a luta pelo comum, movimentando afetos, reivindicando o direito à moradia na ocupação de territórios e constituindo o refúgio

[29] <<http://www.lefthandrotation.com/>>; <<http://indisciplinar.com/>>; <<http://pub.indisciplinar.com/zona-cultural>>

improvisado dos que procuram a liberdade.

O workshop será a última atividade do Seminário Internacional Urbanismo Biopolítico, que se propõe a dar ênfase aos temas principais das pesquisas extensionistas desenvolvidas pelo grupo, que têm como objetivos principais rastrear o conjunto de forças que constituem diversas disputas nas metrópoles contemporâneas envolvendo tanto o Urbanismo Neoliberal (produzido pelo Estado-capital) quanto o Urbanismo Biopotente (produzido pelas redes de resistências que objetivam a produção do comum). Pretende-se também que o Seminário promova a investigação sobre processos tecnopolíticos que compõem os possíveis métodos de investigação-ação que se utilizam de ferramentas variadas de pesquisa, coleta de dados, produção de conhecimento e informação, seja via mapeamento territorial e uso de plataformas digitais, seja via produção de dispositivos que proporcionem encontros cotidianos dos atores envolvidos nas resistências urbanas.

Texto compartilhado no site do Left Hand Rotation sobre o workshop:

BH120 ("Belo Horizonte: 120 anos de gentrificação") é um projeto que realizamos em novembro de 2017 durante a participação no 1º Seminário Internacional Urbanismo Biopolítico: Urbanismo Neoliberal e Produção do Comum Urbano, organizado pelo Grupo de Pesquisa Indisciplinar (UFMG) em Belo Horizonte (Brasil).

Um processo de gentrificação para inaugurar uma nova cidade

Em 12 de dezembro de 2017, foram comemorados os 120 anos da fundação da cidade de Belo Horizonte fundada nos princípios da expulsão.

Em 1897, o assentamento do Curral del Rey foi destruído para abrir caminho para um capital destinado a atrair as elites. Seus ex-habitantes foram deslocados sem uma alternativa que lhes permitisse permanecer nas áreas revalorizadas dessa nova cidade. Após a conclusão das obras, os trabalhadores foram excluídos da cidade que construíram e, sem lugar para ficar, alguns deles formaram as primeiras favelas

da cidade no atual bairro de Floresta, ao lado dos ex-habitantes de Curral del Rey.

Esta substituição não parou de se repetir e hoje, 120 anos depois, as áreas centrais apresentam um **risco iminente de gentrificação**, especialmente a área da Praça da Estação com o novo projeto Corredor Cultural proposto em 2013, que visa engolir as inúmeras atividades culturais realizada na área nos últimos 10 anos.

Com os participantes da oficina, queríamos lembrar qual era o **layout urbano original do antigo assentamento Curral del Rey** nas ruas atuais da cidade.

Através de placas ("BH, 120 ANOS DE GENTRIFICAÇÃO") e pintura de grandes linhas



e textos em amarelo no chão e paredes, se entrevistou em diferentes áreas do centro histórico de Belo Horizonte desenhando e sinalizando os elementos do antigo layout:

estradas, moradias e nomes de ruas originais.

Figura 11 - Print da publicação do vídeo-documental realizado pelo coletivo Left Hand Rotation a partir do workshop

FONTE: Disponível em: <http://www.lefthandrotation.com/bh120/index.htm>>

Agradecimentos

“Ser do mesmo time é também rir das mesmas coisas, ou então calar-se, não precisar ‘explicar-se’. É tão agradável não ter que explicar! Tínhamos, possivelmente, uma concepção comum da filosofia. Não possuíamos o gosto pelas abstrações, o Uno, o Todo, a Razão, o Sujeito. Nossa tarefa era analisar estados mistos, agenciamentos, aquilo que Foucault chamava de dispositivos. Era preciso, não remontar os pontos, mas seguir e desemaranhar as linhas: uma cartografia, que implicava uma microanálise (o que Foucault chamava de microfísica do poder e Guattari, micropolítica do desejo). É nos agenciamentos que encontraríamos focos de unificação, nós de totalização, processos de subjetivação, sempre relativos, a serem sempre desfeitos a fim de seguirmos ainda mais longe uma linha agitada. Não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegaríamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chamou de ‘a atualidade’. ” (DELEUZE, 1992, p.109)

Agradecemos a todos os pesquisadores do grupo Indisciplinar que têm realizado um trabalho coletivo, colaborativo e em rede. À equipe de produção, sob coordenação de **Arlete Soares de Oliveira, Ana Carolina D’Almeida, Danielle Barroso Caldeira, Lucca Gonzales Mezzacappa, Luís Henrique Marques de Oliveira Silva, Marília Pimenta Chaves, Túlio Colombo Correa e Valéria Sávia Tomé França.**

Agradecemos também ao designer **André Victor**, que vem realizando quase toda a produção gráfica do grupo Indisciplinar. Ao espaço cultural Cento e Quatro, aos convidados externos que palestraram, aos que participaram do evento e enviaram artigos, aos parceiros que nos ajudam a tecer esta rede. Aos movimentos sociais que estão sempre envolvidos em nossa atuação cotidiana.

Também agradecemos imensamente à Escola de Arquitetura da UFMG que nos possibilita realizar nossas ações um tanto ousadas dentro e fora do espaço institucional, à Pró Reitoria de Extensão e à Pró Reitoria de Pesquisa da UFMG. **À Fapemig e a CAPES** que nos financiaram nesta empreitada.

Referências

DELEUZE, G. **Conversações**. RJ: Ed.34, 1992.

DELEUZE, G. **A ilha deserta**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

HARVEY, D. **O neoliberalismo**. História e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

NEGRI, A. **Cinco lições sobre o Império**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

PELBART, P. P. **Vida capital**. Ensaios de biopolítica. Ed. Iluminuras: São Paulo, 2003.

Sumário

EIXO TEMÁTICO 1 – URBANISMO NEOLIBERAL

EIXO TEMÁTICO 2 – PRODUÇÃO DO COMUM

EIXO TEMÁTICO 3 – TECNOPOLÍTICAS DO URBANO

3 APRESENTAÇÃO DO I SEMINÁRIO INTERNACIONAL URBANISMO BIOPOLÍTICO

RENA, Natacha; FREITAS, Daniel; SÁ, Ana Isabel; BRANDÃO, Marcela

54 A ORDEM DO DISCURSO DA IMAGEM DO HABITAR CONTEMPORÂNEO: o real subsumido pelo capital

SANTOS, FÁBIO L. S (1); VEGRO, MARIA FERNANDA A. S. (2)

78 A PRÁTICA DO URBANISMO TÁTICO EM GOIÂNIA: Projeto Casa Fora de Casa

ASSIS, TALITA VIANNA DE (1); MELLO, MÁRCIA METRAN DE (2)

98 A PRODUÇÃO DE SUJEITOS DESPESSOALIZADOS: narrativas de imprensa e a construção da imagem do usuário de crack pela mídia

NASSER, CAROLINA

122 A PRODUÇÃO DO COMUM COMO RESISTÊNCIA BIOPOTENTE AFRORURAL NO QUILOMBO MESQUITA EM GOIÁS NO ENTORNO DO DISTRITO FEDERAL

PAULINO, MARIANE. (1); ANDRADE, LIZA MARIA SOUZA (2); SICCA, AMANDA (3); SILVA, CYNTIA (4); GORDILHO, ANGELA (5)

148 A PRODUÇÃO NEOLIBERAL DAS CIDADES PEQUENAS E MÉDIAS: produtos do morar e consumir

CLARO, LETÍCIA PACHECO DOS PASSOS (1)

170 A RECONVERSÃO URBANA DO LARGO DA BATATA: o projeto do espaço público e do metrô entre a financeirização do espaço e a apropriação popular

GONÇALVES, LUÍSA (1); MEIRELLES, ANA CLARA (2)

196 AS ZONAS DE FRONTEIRA NO PROJETO DE RENOVAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR

MOSQUERA, CARLOS ANDRÉS DÍAZ (1)

222 BIOPOTÊNCIAS DO AGORA: corpos políticos e contingência nas cidades

MONTEIRO, ALTEMAR GOMES (1)

244 CIBERNÉTICA E GOVERNANÇA ELETRÔNICA: do Cybersyn às cidades virtuais atuais

VENDIMIATI, CAROLINA M. (1); ALVES, GILFRANCO M. (2)

270 CIDADE DO PRESENTE, CIDADE DO CAPITAL: tensões e liminaridades

RODRIGUES ALVES, MANOEL(1)

290 COMPORTAMENTO E CIDADE: perspectivas críticas para a arte e a arquitetura entre Gordon Matta-Clark e Dan Graham

SANTOS, FABIO L. S. (1); SAMPAIO, RAFAEL O. (2); ALMEIDA, RAFAEL G. (3)

308 COMUM COMO PRINCÍPIO POLÍTICO: reflexões a partir das periferias da cidade de São Paulo

MARINO, ALUÍZIO (1); MENDES, VANESSA (2)

326 CONHECIMENTO E CONTROLE DO TERRITÓRIO: do discurso da mobilidade à geopolítica da UBER

TOZI, FÁBIO (1); DUARTE, LEANDRO RIBEIRO (2)

348 CORPO DESEMBESTADO: por uma cartografia extradisciplinar

SILVA, MATHEUS

372 CORPOGRAFIAS NOS BAIXOS DO VIADUTO: território em disputa

GUILLÉN, MARIA ISABEL CAMAÑES. (1); ABASCAL, EUNICE HELENA SGUIZZARDI. (2)

398 DADOS ESPACIAIS ONLINE E A EMERGÊNCIA DE NOVAS CARTOGRAFIAS: investigando a produção espacial a partir de fontes da Web

SÁ, ANA ISABEL (1)

416 DESAPROPRIAÇÃO E OPERAÇÕES URBANAS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO: fortalecimento da intervenção pública no território ou reprodução ampliada do rentismo fundiário?

UNGARETTI, DÉBORA (1)

440 DESIGUALDADES DA POLÍTICA PÚBLICA HABITACIONAL BRASILEIRA: entre o direito e a mercantilização da moradia pelo MCMV

MELO, JANAYNA APARECIDA CARDOSO (1). LUZ, JANES SOCORRO DA (2)

464 DISPUTAS DE LUGAR E A PEQUENA ÁFRICA NO CENTRO DO RIO DE JANEIRO: Reação ou ação? Resistência ou r-existência e protagonismo?

SANTOS, RENATO EMERSON DOS (1); SILVA, KAROLINE SANTOS DA (2); RIBEIRO, LISYANNE PEREIRA (3); SILVA, NAIARA DO CARMO (4)

492 DO CORPO QUE (R)EXISTE: urbgrafias de (r)existência a normatização dos corpos e de reivindicação do direito à cidade

NASCIMENTO, ELAINE CRISTINA MAIA (1); SANTOS, RODRIGO GONÇALVES DO. (2)

512 ENTRE ESCALAS: Coletivos ativistas pela mobilidade na cidade de Belo Horizonte, MG

CARVALHO, BIANCA (1); SAIDLER, MARCOS FELIPE SUDRÉ (2)

532 ENTRE IMPOSIÇÕES E RESISTÊNCIAS: o papel dos espaços livres públicos na preservação do comum em Campos dos Goytacazes/RJ

ALIPRANDI, DANIELLY C. (1); CABRAL, KAREN T. (2); CONTAGE, SARA D. (3); D'ALMEIDA, URSULA G. (4); SOUSA, PRISCILA G. (5)

560 **EXISTE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL EM IPATINGA?**

ALMEIDA, PAOLA R.

584 **EXPERIÊNCIAS COLETIVAS NAS PERIFERIAS NORTE E LESTE DE SÃO PAULO: o território através da Ação Tática**

MAZAIA, PALOMA (1); THOMAZ, AMANDA. (2);
CARVALHO, LILIANE K. (3); MAZIVIERO, MARIA C. (4)

608 **FINANCEIRIZAÇÃO, URBANIZAÇÃO E O PROJETO DO PORTO MARAVILHA: uma carta de apresentação do urbanismo neoliberal no Brasil**

MONTANARI, FREDERICO BASSO (1)

626 **FLORIANÓPOLIS E OS ELEVADOS: testemunhas da materialização das políticas neoliberais sob a lógica do planejamento estratégico.**

ARRUDA, MARIA E. (1)

648 **HÁ LUZ NO FIM DO TÚNEL?: Novas práticas de planejamento e gestão urbanos - O caso do “Cidade que Queremos BH”**

LAGE, SELENA DUARTE LAGE (1)

666 **HABITAR O PORTO, MORRO DA PROVIDÊNCIA: Teleférico e Cidade Espetáculo**

SANTOS, ROSANE SOARES DOS (1)

678 **INICIANDO A CARTOGRAFIA DO DESASTRE-CRIME: o avanço neoliberal da indústria extrativo-minerária do Brasil sob a perspectiva do rompimento da Barragem de Fundão/Mariana/MG**

MARQUES, Monique Sanches (1); FERNANDES, Amanda (2)

694 **INSURGÊNCIAS NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO: metodologia de análise da autogestão dos comuns urbanos**

ARRUDA, JEFFERSON. (1); MAZIVIERO, MARIA C. (2)

720 **(IN)VISIBILIDADES, ESTÉTICA E POLÍTICA NA POTÊNCIA DO CORPO: cartografando dissidências no/do espaço habitado no contexto da educação e da cidade**

SANTOS, RODRIGO GONÇALVES DOS (1); NASCIMENTO, ELAINE CRISTINA MAIA (2)

736 **NEOLIBERALISMO, CIDADE E CIDADANIA: questões sobre o esvaziamento político do espaço público na metrópole brasileira**

FARIA, JANSEN L. (1)

758 **O DIREITO AO BAIRRO: modos de vida em Santa Tereza**

PEREIRA, ANA BEATRIZ

780 **O ESPAÇO COMO CAPITAL: uma abordagem bourdieusiana**

SANT'ANNA, ANDERSON DE SOUZA (1)

804 **O PROFISSIONAL AUTÔNOMO ANTES DO CARRO AUTÔNOMO: trabalho e discurso na Uber no Brasil**

VICENTE, VICTOR

826 **O VALOR DO CAPITAL NO TEMPO: as perspectivas na avaliação de investimentos voltados a empreendimentos de baixa renda**

GUARITÁ, GABRIELA (1)

844 **A CIDADE (AINDA) PRECISA DE VOCÊ: Urbanismo tático na cidade de São Paulo, entre os ativismos e as lógicas de gestão urbana**

BENATTI, NAYARA ARAUJO (1); FELIZARDO, ANA CAROLINA (2); SPERLING, DAVID (3)

866 **OS TOREROS EM BELO HORIZONTE. CONSTRUINDO CAMINHOS NA CONTRAMÃO DAS RUAS DA CIDADE**

ARAÚJO FILHO, TARCÍSIO P. (1)

894 **PLATAFORMA IND.ATLAS: Cartografando redes**

NEGRÃO, FERNANDA N. (1); BUBANTZ, MARIANA (2); BRITO, MICHELE

(3)

-
- 908** **POLÍTICAS HIGIENISTAS E EUGÊNICAS E AS INSTITUIÇÕES MANICOMIAIS NA CONCEPÇÃO DO URBANISMO NO BRASIL: estudo de caso de Belo Horizonte e a assistência de alienados de Barbacena - MG**
OLIVEIRA, SARAH G. C.(1); CORGHI, FERNANDA N. (2)
-

- 926** **PRIORIDADES E DIRETRIZES DAS CONFERÊNCIAS HABITAT: entre o neoliberalismo e o bem comum**
RABELO, ERICA. (1); FANTIN, MARCEL. (2)
-

- 948** **PRODUÇÃO MILITAR DA “CIDADE OLÍMPICA”: reflexões sobre o Rio de Janeiro**
ROCHA, LIA DE MATTOS (1); DAVIES, FRANK ANDREW (2)
-

- 976** **QUE PARQUE AUGUSTA QUEREMOS? A luta do Parque Augusta na produção do comum**
HORI, PAULA
-

-
- 1002** **QUEM MANDA AQUI? Uma análise sobre o desenvolvimento da urbanização turística de praia do forte- ba**
ACHERMANN, JASON DANIEL (1)
-

- 1024** **REESTRUTURAÇÃO ESTRATÉGICA E GENTRIFICAÇÃO EM BELO HORIZONTE: novo cenário, velhas medidas**
DINIZ, LUCIANO DOS SANTOS (1); SILVA, CIBELLE PAULA BATISTA DA (2)
-

- 1050** **REQUALIFICAÇÃO DA ÁREAL CENTRAL DE BELO HORIZONTE E O PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO**
MARTINS, ISABELA (1)
-

- 1070** **SUBSETOR JURUBATUBA - PROJETO DE INTERVENÇÃO URBANA E FUTURA OPERAÇÃO URBANA CONSORCIADA: atuação da Defensoria Pública do Estado de São Paulo junto aos movimentos populares na zona sul de São Paulo**
BARBOSA, BENEDITO (1); UNGARETTI, DÉBORA (2); TADASHI, DOUGLAS (3)
-

1086 **TAXONOMIA DO URBANISMO TÁTICO:**
uma proposta para leitura, compreensão e
articulação do urbanismo biopotente

FARIAS, ANA C. C.

1112 **URBANISMO BIOPOLÍTICO E**
RESISTÊNCIA: Experiência de formação
da rede “Operação Jardim Botânico” no
caso de Goiânia

BARBOSA, DANILO (1); MAYER, JOVIANO (2); BARBOSA, MARCUS(3);
AMARAL, MAYUMI (4); SANTOS, RAUL(5)

1132 **URBANISMO NEOLIBERAL E**
ACUMULAÇÃO POR ESPOLIAÇÃO:
notas sobre o desenvolvimento urbano
contemporâneo e o caso da área portuária
no Rio de Janeiro

NUNES, GUILHERME CHALO (1); MASCARELLO, RENATA PIROLI (2)
ASSAF, STEPHANIE MESQUITA (3)

1150 **BIOPOLÍTICA E POLÍTICAS DE**
HABITAÇÃO: entre processos de exclusão
e direito à moradia

KRUGER, NINO RAFAEL MEDEIROS (1). SCARANO, RENAN COSTA
VALLE (2). RIBEIRO, CRISTINE JACQUES (3)

CIDADE DO PRESENTE, CIDADE DO CAPITAL: tensões e liminaridades

RODRIGUES ALVES, MANOEL(1)

1. Universidade de São Paulo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo.
Avenida Trabalhador São-carlense, 400 – CEP 13560-970
Caixa Postal 359 – São Carlos / SP
mra@sc.usp.br

Resumo

Este artigo argumenta pela necessidade de uma reflexão crítica quanto aos atuais processos hegemônicos de produção e conformação no/do espaço urbano. Caracteriza-se como uma reflexão conceitual de distintos saberes que se estrutura a partir da prospecção de questões e da exploração de hipóteses sobre o espaço urbano contemporâneo, com o objetivo de mapear contrapontos relativos a aspectos da cidade contemporânea e os processos de transformação de seu território. Propõe uma reflexão crítica que aborde as continuidades e transformações da cidade contemporânea, submetida a lógica do capital neoliberal, entendendo necessária a contraposição da noção de cidade que se constitui: cidade enquanto resposta às necessidades humanas versus cidade enquanto mercadoria. Nesse sentido, investiga aspectos referentes a mudanças estruturais e conjunturais do modo de produção da cidade, questionando em que medida transformações de processos e circuitos de circulação do capital condicionam “novas” espacialidades e práticas de produção do urbano.

Palavras-chave: *produção do espaço urbano; capital neoliberal; reprodução do capital; vida urbana contemporânea.*

1. Cidade do Presente, Cidade do Capital: tensões e liminaridades

É necessário investigar as dimensões da produção da cidade contemporânea^[1] a partir de relações e tangências entre espacialidades e fenômenos urbanos que, resultantes da relação do homem e seu espaço físico, são representativos de traços caóticos e de confluências plurais de culturas e modos de vida. Embora o espaço urbano seja estudado por diferentes disciplinas, abordagens integradas são poucas caracterizando uma produção bibliográfica que se limita a relacionar as práticas e os comportamentos sociais às características físicas e históricas do espaço urbano, identificando-as e descrevendo-as^[2].

Ao interrogar pontos de inflexão entre práticas e ideias de uma “cidade coetânea”, através de uma articulação entre teoria/realidade urbana e localização/mundialização, esta reflexão visa rediscutir criticamente marcos de compreensão do espaço urbano. Busca apontar para o conteúdo dos processos, contrapondo-se a análises que reduzem a cidade a um quadro físico e pretendendo-se superar a síntese manifesta por um simples conjunto de índices. Esta distinção, em uma perspectiva distinta e transversal^[3], nos parece necessária para abarcar

[1] Contemporâneo, a ser entendido conforme a concepção de Agambem sobre o contemporâneo como um ponto de inflexão que instala uma relação especial entre tempos – passado e futuro (ver Agambem 2002). No contemporâneo permanecemos em uma zona que não é plenamente inteligível, pois buscamos luzes do seu entendimento ao mesmo tempo em que estamos inseridos em seu sistema entrópico e rizomático – como uma probabilidade aberta a conectar de maneira contingente elementos que se relacionam por sua diferença, e não por sua similaridade, que produzem heterogeneidade, multiplicidade e rupturas significativas (Arroyo, 2011, p.99).

[2] Embora se verifique que o espaço público urbano seja estudado por diferentes disciplinas, Low (2000) assinala que muito do que ainda se faz aborda o comportamento através da identificação do número, tipo de pessoas e de usos do espaço; ou então as abordagens são mais arquitetônicas e urbanísticas, por meio da descrição das características físicas e históricas do ambiente construído.

[3] Enquanto perspectiva integrada de estudo da relação entre ambientes físicos e sociais,

o entendimento de novas configurações do espaço urbano contemporâneo, e novas lógicas, que se baseiam em elementos de uma dinâmica (re)produtora de um espaço em ‘crise’.

Crises ou emergências são, a nosso ver, conjunturas que nos servirão para colocar à prova a relação da sociedade e da cultura com o espaço urbano contemporâneo. Em uma cidade que demanda novos caminhos, se trata de recuperar para o pensamento crítico os territórios do indeterminado, da suspensão, da dúvida, das linhas de fuga, como tentativas que se contraponham a classificações apressadas ou dualidades obsoletas. Com o intuito de contornar uma linha de análises sobre a cidade, para além da cidade em si mesma, argumenta-se pela necessidade de reflexão (e investigação) quanto as dimensões da produção e reprodução do espaço urbano contemporâneo, não apenas relações e tangências entre distintas espacialidades e seus processos de criação e transformação, mas também transformações nos processos de produção da cidade, e/ou a exarcebação de processos já conhecidos.

No cenário da vida urbana contemporânea, de inéditas formas de enunciação de uma contemporaneidade conformada pela globalização econômica e a planetarização de processos que conformam a vida cotidiana; de uma cidade que emerge constituída por textualidades e morfologias inéditas que operam em um contexto sociocultural diferenciado, conformando micro-geografias de um cotidiano denso de novas conformações de fenômenos socioespaciais, observam-se, no uso e apropriação do espaço (em particular do espaço público), espacialidades e territorialidades distintas.

A cidade coetânea, constituída por textualidades e morfologias inéditas, responde a parâmetros próprios de uma época de transição que viabilizam espacialidades que

ultrapassando olhares parciais sobre o espaço urbano em uma perspectiva metodológica que busca evitar a produção de caracterizações estáticas dos contextos de estudo e fomentar a reflexão de suas dimensões simbólicas e práticas socioculturais, promovendo a articulação entre diferentes pontos de vista analíticos.

transcendem conteúdos de culturas “particulares” e suas especificidades territoriais (Augè, 2010). É nesse contexto que espacialidades urbanas contemporâneas nos desafiam, aportando novas interpretações na relação entre morfologias urbanas, tecidos sociais, comportamentos e construções conceituais relativas a perguntas que delineiam hipóteses, que conformam diretrizes de uma reflexão que busca afrontar uma tendência de produção da cidade contemporânea na qual o consumo é uma categoria privilegiada de significação e estruturante das relações socioespaciais.

Em um mundo de processos globalizados aliados ao capitalismo avançado, onde os aspectos de empresariamento da cidade emergem com especial ressonância em uma cidade enquanto mercadoria, enquanto *commodity* ^[4] (mais do que em resposta às necessidades humanas), importa (re)aprender a captar as formas (e contra formas) sociais de adaptação da cidade. Friedmann chama a atenção para a importância em se ter em conta que o que liga as diferentes disciplinas que estudam o espaço urbano ser *“understanding that the city is humanity’s ultimate habitat”*. Para Friedmann, importa entender que o *“place refers to socio-spatial patterns of affectively valued relations that are embedded in a physical environment”*, enquanto o *“place-making is thus a way of creating and strengthening place-bound relations”*.^[5]

A singularidade desta reflexão não se limita ao desenvolvimento de questionamentos sobre modelos de estruturação do espaço urbano - como contradição, fragmentação e cisão -, mas sim que não respondem ao paradigma da totalidade ou da unidade espacial. Pardo afirma *“[...] o que está sucedendo é que o paradigma em virtude do*

qual se construiu a cidade em sua configuração anterior já é um paradigma antiquado e inútil para que a cidade possa fazer frente a seus desafios de futuro e, sem dúvida, todavia não terminou de instalar-se o novo paradigma, esse que tornará a cidade finalmente apta para uma supervivência ágil e eficaz em um mundo que estará completamente transformado”^[6].

É nesse destempero do abandono do que já não e todavia não é, nesse instante aiônico que se experimenta no urbano (de ‘dones condutores’) que argumentamos por abordagens que reflitam e investiguem o entendimento de novas configurações do espaço urbano que, enquanto representativas do ser-no-mundo de novas lógicas e dinâmicas de conformação da cidade, constituem-se com base em elementos representativos de uma dinâmica de (re)produção do espaço urbano de um momento particular condicionadas pela lógica de (re)produção do capital neoliberal.

Nas últimas décadas nos deparamos com formulações teóricas de condições extremadas do urbano – tanto do ponto de vista social quanto físico e material – e conformações espaciais que se associam a distintas lógicas de (des)ordem e (des)regulação. No momento presente – (re)produzido numa realidade de identidades dos lugares em trânsito, com conteúdos e formas instáveis (Augè, 2010) –, o fenômeno urbano suscita um espaço singular de relações sociais que se caracterizam por uma complexa rede composta de usos, pactos, imposições, retificações e adequações mútuas (Delgado, 2008).

Nessa cidade - a pós-cidade da superabundância para alguns autores (Augè, 1994) -, a noção de consumo é fundamental para a compreensão da própria lógica de produção do espaço urbano, não apenas de novas espacialidades. Nela, observa-se a transformação da paisagem urbana em mercadoria que passa a legitimar uma urbanidade^[7] condicionada pelo impacto de políticas neoliberais e de modelos

[4] (Foster, 2002), condicionada por processos de espetacularização e tematização - como, por exemplo, o *city branding* e o *city marketing* -, em uma lógica cada vez mais hegemônica de privatização e empresariamento da cidade.

[5] (Friedmann, 2007, p.02). Garret, ao problematizar os desdobramentos do *place-making* em análise da crescente privatização do espaço urbano escreve *“[...] Richard Sennett suggests that private public spaces are “dead public spaces” because de essence of conviviality, spontaneity, encounter and yes, that little sprinkle of chaos, have been stripped out. The spaces are not rendered dead because they aren’t enjoyable – I myself enjoy lounging on the steps near the canal at Granary Square – but dead because the potential range of spatial engagement here can fit in a coffee cup.”* (Garret, 2015).

[6] (Pardo, 2011, p. 357). Tradução do autor.

[7] O urbano enquanto o “possível” produzido por uma sociedade – urbana –, em um processo inacabado e contínuo (Lefebvre, 1999). Urbanidade, própria de um contexto

internacionais de propostas urbanas. Nela, é perceptível uma espacialidade do ócio e do consumo de modelos e padrões similares de intervenção na produção de um meio urbano para ser visitado intensivamente, produtora de paisagens a-territoriais definidas pela espacialização econômica e funcional do território - paisagens que não guardam relação com a geografia cultural local e com a permanência (sustentabilidade) do tecido urbano^[8].

Novas conformações de fenômenos socioespaciais promovem, no uso e apropriação do espaço urbano, espacialidades distintas: representativas de significações que procedem do imaginário social vigente, e que reproduzem-se associadas à ausência de limites e ao espalhamento de formações espaciais em que o espaço comum, ou interações pautadas na ideia de integração em referências comunitárias coletivas, não se constituem enquanto regra na conformação de um outro sentido de urbanidade. Encontramo-nos no contexto de uma cidade que migra de paradigmas instabilizados para territorialidades difusas e indeterminadas, em meio a realidades de interações ubíquas, ou não, que mobilizam significados, conteúdos, subjetividades e resultam em espaços (e tempos) constantemente

urbano, enquanto: fenômeno produzido na relação entre o social e o espacial e manifesta no modo como as pessoas se relacionam com o espaço e sua organização (Aguilar, 2012); qualificação vinculada à dinâmica das experiências existenciais conferidas às pessoas pelo uso que fazem do ambiente público, através da capacidade de intercâmbio e de comunicação de que está imbuído esse ambiente, como a experiência e prática que se consubstancia em três instâncias: em uma dimensão fenomenológica da urbanidade (o reconhecimento do Outro a partir da sua presença em nosso campo de percepção); [...] uma dimensão comunicativa da urbanidade (a cidade e seus espaços como o *loci* do convívio urbano e meio da comunicação); [...] e uma dimensão ontológica da urbanidade (produzida na relação entre práticas e espaços da cidade como dados estruturantes da realidade material) (Netto, 2012, p. 36). Uma “outra ideia de urbanidade” mencionada por Alves (2010) revela como, de fato, é cambiante o entendimento sobre as características definidoras do espaço urbano na medida em que o deslizamento das atividades cívicas em direção aos espaços privados coletivos geram um espaço urbano fragmentário e a transformação da relação público / privado (Alves, 2010).

[8] As cidades ageográficas de Sorkin (Sorkin, 1997) e as paisagens urbanais de Muñoz (Muñoz, 2008).

ampliados, remoldados, rompidos que questionam as dimensões da (re)produção do espaço urbano.

Entretanto, embora a cidade atual se constitua enquanto um plexo de processos materiais e simbólicos, tangíveis e intangíveis, a mesma está condicionada por uma lógica específica de produção. As mudanças globais das cidades contemporâneas implicam a necessidade de uma nova atitude não apenas na interpretação **do espaço urbano**, mas principalmente na compreensão de lógica de produção desse espaço em decorrência do salto das forças produtivas. A transformação da sua estrutura econômica e social, a sua organização espacial e a sua configuração formal marcam a produção de novas territorialidades. Os modos de reprodução do capital através do urbanismo, em que o espaço público surge como mote de indução e do conceito das estratégias de promoção, cria-se na base de sustentação do empresariamento e da financeirização da cidade. Sendo o espaço da cidade produto e reproduzidor das dinâmicas que regem o seu tempo, a cidade contemporânea passa a abarcar novas espacialidades e formas de sociabilidades atreladas ao sistema econômico-produtivo, de onde emergem novas situações urbanas, e onde as relações socioculturais e espaciais passam a ser resignificadas e reinterpretadas.

O espaço urbano, no bojo do processo de mundialização, estendendo-se espacial e socialmente através de uma nova relação entre o poder político e os setores financeiros, passa a constituir-se em elemento fundamental de uma reestruturação da base produtiva que visa a ampliação da base social necessária ao processo de acumulação, em contradição com as necessidades da reprodução da vida urbana. O capitalismo encontrou no urbanismo uma nova forma de reprodução do capital, em particular por meio da ideologização, privatização e tematização do espaço público (Delgado, 2011)^[9]. A lógica contemporânea de produção do espaço urbano está

[9] Ao analisar as transformações urbanas em Barcelona, Delgado posiciona-se criticamente diante de processos que descaracterizam os lugares urbanos em prol de uma cidade midiaticizada, planejada sob um ideal de consumo, tanto da imagem da cidade como de espaço urbano. Nesta discussão reflete: “No se trata de denunciar como perversa toda

condicionada por um modo de reprodução capitalista subjacente às ações do poder público e da iniciativa privada, instituindo-se através da produção-consumo.

Tal processo pode ser apreendido, a partir do movimento de valorização, desvalorização e revalorização, o que implica na destruição de lugares, na redefinição de investimentos públicos e privados, na transformação de usos, caminhos e trajetos e condições de permanência na cidade^[10]. É nesse contexto que se observa o esvaziamento da esfera *pública urbana, que responde mais a setores do mercado e códigos da mídia que à complexa articulação dos usos cotidianos da vida urbana.*

A produção atual do espaço urbano responde mais à necessidade de manter vivo o circuito de produção, circulação e consumo de mercadorias num mundo altamente mercantilizado, do que às necessidades humanas no tempo, no espaço e no cotidiano promovendo a segregação espacial e social em um espaço urbano crescentemente privatizado. Tal problemática entra em conflito com as condições sociais que contribuem para produzir e reproduzir o espaço urbano. O processo contemporâneo de reprodução da cidade ilumina ainda mais a contradição entre a (re)produção socializada do espaço e sua apropriação privada, o que aponta também para a necessidade de compreensão dos conflitos e resistências que daí emergem.

Numa cidade que responde a parâmetros que assinalam características próprias de uma época de transição em que, embora a relação de experiência e/ou pertencimento ao espaço urbano persista em meio a um conjunto de transformações nas dimensões técnicas e tecnológicas, nos aspectos sociais e

transformación urbana, sino de señalar a quienes favorecen tales transformaciones, que no suele ser a la mayoría social” (Delgado, 2001, p. 117). No mesmo trabalho alerta que a resignificação do espaço público não ocorre apenas quando espaços privados tentam cooptar o seu significado na tentativa de simular um “lugar” coletivamente apropriado, mas também que iniciativas públicas contribuem para uma funcionalização comercial do espaço público: “Los núcleos históricos de las ciudades están siendo peatonalizados para hacer de ellos superficies comerciales polifuncionales” (Delgado, 2001, p. 114).

[10] O caso dos projetos urbanos em que se dá grande ênfase ao espaço público, constitui-se, via de regra, em uma estratégia de acumulação de capital.

ambientais de produção do espaço, observa-se o empobrecimento dos sistemas simbólicos, a retração das formas de vida coletiva, a instrumentalização dos espaços de ação e a redução do valor do público.

Essas transformações enfraquecem a identidade urbana e secundarizam a dialética tecido urbano / tecido social. Com seus próprios códigos de ética e comportamento funcional, condicionam uma ampla série de atividades que integram o tecido urbano da vida coletiva contemporânea no desenho de uma cidade de fragmentos urbanos dissociados: ‘espaços do consumo’ resultantes de processos de urbanização determinados pela lógica do terciário, ditos de renovação urbana”.

Para Muñoz, a cidade contemporânea, sintetizada como objeto de valor monetário de consumo em tempo parcial, vem constituindo-se como uma cidade da segregação em que a sedução do entorno e a instantaneidade reforçariam o regime de liberdades forçadas em que habitamos a cidade. Muñoz, ao conceituar *urBANALização*, aponta que a cidade urbana da especialização, privatização e tematização é composta por fragmentos que geram uma apropriação fragmentada independente de limites legais ou administrativos, desconectada das características locais, desvinculada do substrato cultural que conforma a comunidade e descomprometida com os conteúdos urbanos da cidade como um espaço a ser habitado. As características de transformação do espaço urbano, para Muñoz, implicam que *‘... a cidade atual assiste a transformação global do espaço público em um território não só economicamente produtivo, mas também progressivamente especializado, um monocultivo que não só aproveita o potencial de diversidade e permeabilidade social que contém o âmbito público, mas também, o diminui em áreas de influência de atividades econômicas que o utilizam como suporte ou como reivindicação’*.^[11]

Para ele, na espacialidade urbana contemporânea espaços tipológicos tradicionais, como ruas e praças, são objetualizados e tematicamente reduzidos a um conjunto de funções urbanas de um espaço controlado. Embora que ainda espaços públicos,

[11] (Muñoz, 2008, p. 88). Tradução do autor.

repletos de sinais visíveis e invisíveis de privatização que, simulacros da cidade criam uma cidade privada dentro da cidade pública: a contraface do esvaziamento da vida pública.

Desse prisma, “... essa característica resort da cidade globalizada permitiria constatar um princípio elementar do espaço urbano: a segregação”^[12]. Orellana coloca que uma nova lógica do poder demanda a desterritorialização e destruição do local. Para ele, estamos ante um ‘outro-lugar’ que condensa a cidade contemporânea e evidencia a racionalidade última do espaço urbano biopolítico. Nessa cidade, constata-se retratos de nossa época onde os indivíduos se instalam temporariamente, espaços de ocupação provisória e confluência anônima, contextos espaço-temporais flexíveis sem identidade, destinados que são ao cliente, não ao cidadão - potencialmente não-lugares^[13] atópicos da alienação humana de uma época em que a experiência individual é construída com base no deslocamento e no descolamento de uma sociedade cada vez mais midiática. Não-lugares que tentam estabelecer para a cidade uma nova relação com o espaço e o tempo, na qual é celebrada a vitória do consumismo e da desterritorialização.

Neste cenário em que a cidade comparece como elemento estratégico de reprodução do capital (não apenas financeiro), processos hegemônicos de empresariamento da sua produção condicionam a domesticação de paisagens

[12] (Orellana, 2011, p. 54-56)

[13] Para Augé, “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar (Augé, 1994, p. 72). Para Augé, o lugar é necessariamente histórico, combinando identidade e relações, relacionado à experiência e a memória humana; enquanto que o não-lugar, uma vez que, via de regra, projetados para a circulação e/ou transporte rápido, não se parece ao espaço público associativo, ao lugar da identidade e das relações em que se acumula a memória. Embora seja possível a ocorrência de um não-lugar em um lugar, a objetividade extremada dos não-lugares influencia na caracterização desses espaços reduzindo ao limite as relações simbólicas entre as pessoas, descolando-as da especificidade do local, do sítio e promovendo uma alteração da fronteira entre o público e o privado (Augé, 1994).

reconfigurando formas de consumo do espaço (público)^[14]. Observa-se uma cultura de distintos tipos de consumo, uma cultura da simultaneidade e do consumo rápido que se concretiza como espaços públicos do ócio – espaços que dão forma a uma cartografia feita de lugares e momentos caracterizados pela multiplicidade e flexibilidade que possui suas próprias lógicas e intencionalidades^[15].

No enigma do contemporâneo, deslocamentos acelerados e posicionamentos econômicos, identitários, sócio-culturais e políticos, promovem a mercadoria sublimada em formas sedutoras da imagem como o princípio constitutivo da organização e das relações e da prática social. Na cidade, as dimensões da vida - em suas expressões objetivas e disposições subjetivas - são fortemente reduzidas, encapsuladas pela produção de espaços tematizados da vida pública e/ou que ocorrem segundo regras pré-determinadas de processos dominantes de constituição da cidade. Nesse cenário nota-se a dissolução de experiências coletivas – cada vez mais superficiais e instáveis – evidenciada por uma urbanização submetida aos imperativos de ideologias urbanísticas do capital – da cidade enquanto mercadoria versus a cidade enquanto resposta às necessidades humanas.

Muñoz discute que os desdobramentos das novas formas de “habitar” na construção de paisagens da cidade urbana se constituem na produção da cidade desconectada do ser-no-mundo, da cidade de territoriantes^[16]. Esta

[14] “[...] o capitalismo neoliberal, então, arrasa as cidades contemporâneas produzindo efeitos de desterritorialização, que se encarnam em uma elite de sujeitos globais habilitados para circular [...] de forma ligeira, desarraigada e imediata.” (Orellana, op. cit, p. 51). Tradução do autor.

[15] Para Muñoz (2008), espaços multiplex. Para Han, espaços que se caracterizam como produto não de uma sociedade disciplinária (Foucault), mas sim de uma ‘sociedade do rendimento’ (*achievement society*) (Han, 2015a).

[16] Para Muñoz, a população implicada no uso temporal do espaço divide-se entre habitantes – que habitam lugares – e territoriantes – que habitam territórios. Territoriantes são habitantes ou residentes de um lugar, ao mesmo tempo em que são usuários de outros lugares e visitantes de outros. São habitantes em tempo parcial. “O territorialante, portanto, se

questão do habitar, que remonta a indícios da crise visualizada por Heidegger^[17] – do desenraizamento do habitante, o territorialante para Muñoz –, tensiona a produção de um espaço alheio às relações sociais responsáveis por partilharem e inscreverem memórias coletivas que significam e dão a ver os lugares. Nesta realidade, o espaço público está submetido a uma lógica de espaços alienantes que inviabilizam a construção de um tecido social constituído pela experiência do e com o outro.

Atualmente, a separação dos lugares da vida em espaços funcionalizados resultou em uma fragmentação da vida cotidiana separando-a em espaços-tempos definidos e recortados. O espaço público, lugar das realizações humanas, da heterogeneidade social, do primado das experiências socioculturais, das trocas subjetivas e da livre manifestação vem sendo gradativamente substituído por espaços vazios de identidade. Espaços esses que, simulacros de lugares, reproduzem uma realidade vazia de sentido e que nem mesmo se aproxima da realidade à qual simula. Espaços de práticas previstas, ações subordinadas a códigos de conduta, vigilância e artificialidade; espaços da simulação dos lugares da vida urbana em diversas escalas modificando a relação dos/com habitantes, uma vez que meros usuários, meros receptadores dos espaços da cidade, eliminando lentamente o sentido da cidade como obra e como espaço de criação.

define como territorialante entre lugares e não como habitante de um lugar e constitui o protótipo do habitante da cidade pós-industrial. Por isso que os territorialantes pertencem a uma cidade nova, composta de fragmentos de território onde vivem, trabalham, consomem ou passeiam. [...] Os territorialantes habitam geografias variáveis em cidades de geografia também variável.” (Muñoz, 2008, p. 26-27). Para Sartori, o Homo Videns: um homem que nada na banalização e na ambivalência, que se regozija no extase instantâneo de uma cultura pré-programada e em sua inexpressividade definitiva, e se consola no consumo e no desejo da/na paisagem.

[17] O espaço e o lugar ligam-se de modo inexorável à realização da vida como condição e produto do estabelecimento das relações reais indispensáveis a ela, correspondendo a expressão “o homem habita lugares”. Para Heidegger, habitar e construir são termos distintos, mas evocam correlações na medida em que o “construir” já é um habitar pela relação íntima estabelecida entre o ser e o lugar do habitar.

Para Arroyo, a noção de espaço público apresenta uma queda de seu valor simbólico, não mais se constituindo como a contraparte física substantiva de uma sociedade civil entendida como sujeito da cidade. A cotidianidade é que determina a dinâmica do espaço público^[18]. De fato, a generalização de formas de consumo programado, o declínio dos papéis tradicionais do Estado, a debilidade dos sistemas de representação política e, em geral, a ação convergente de dispositivos de disciplinarização e controle social provocam um declínio significativo do sentido de primazia do espaço urbano, em particular do espaço público: como cenário privilegiado do encontro, interação das diferenças, da possibilidade da experiência e co-presença, dispersão e diversidade, de socialibilidades (no plural) (Delgado, 1999), desmontando em seu conjunto as bases do que um dia se entendeu, historicamente, como cidade e democracia.

As condições colocadas pelo capitalismo avançado de um sistema formado por diferentes relações coletivas intermediadas por interesses privados, da exacerbação de lógicas regidas pelo consumo, ato intensificador da esfera individual, condicionam a redução e privatização da esfera pública- numa sociedade em que o tempo pode ser avaliado como a distância que separa o indivíduo de seu objetivo, o consumo. Assim, a realidade do espaço vivido e construído socialmente, o significado de espaço público como mediador do encontro e também do conflito, em suas práticas de novas maneiras de sociabilidade, de mudanças estruturais nas dimensões do indivíduo e da noção de cidade, se reduz a novas espacialidades, nem exatamente públicas ou privadas, mas de domínio público em grau elevado.

É nesse contexto de transformações do território urbano, frutos de lógicas determinadas por um sistema capitalista tardio de acumulação flexível, em que os diversos âmbitos da vida e da experiência em sociedade encontram-se intermediados por lógicas atreladas ao consumo, que se observa o esvaziamento da esfera pública urbana, que responde mais a setores do mercado e códigos da mídia que à complexa articulação dos usos cotidianos da vida urbana. Como conceitua Alves, o processo de *containerização* do espaço urbano (Muñoz, 2008) promove a ideia de uma multifuncionalidade do espaço

[18] (Arroyo, 2011).

privado (enquanto distintas funcionalidades de um elenco de funções conhecidas) e a sociabilidade em espaços controlados e seletivos (Alves, 2006, p. 3). A tensão entre o público e privado, como também argumentado por Alves, reside na noção de domínio, diversidade e pluralidade dos espaços, e não na hierarquia e dominância entre eles, ou seja, não importa tanto entender “quem” possui maior ou menor influência nesta relação, mas sim “o que” e “como” se estrutura essa tensão (Alves, 2010).

Além do que, a prática de novas urbanidades requalifica o espaço urbano e o torna centro de disputas, tanto para a consolidação de novas identidades quanto para a reivindicação da visibilidade pública das diferenças, do reconhecimento político do diferente. Mas em que termos? Submetidos ou condicionados a que processos? Da cidade a metrópolis, a megápolis ou a postmetrópolis de Cacciari^[19], há quase tantos descritores para nomear a cidade contemporânea como os que se buscam para descrever a época em que vivemos - sobremodernidade, postmodernidade, hipermodernidade, modernidade líquida, etc. Pardo^[20] aporta uma reflexão interessante sobre essa sucessão de termos e as características de um momento de transição questionando “...¿no podría ser que esto de estamos transitando hacia un nuevo paradigma fuera el emblema genuino de una de las principales experiencias de la modernidad, la experiencia de la transición, la experiencia de la transformación – aunque sea mucho más difícil el pensar hacia qué estamos transitando o desde onde nos estamos transformando?”

A busca incessante de nomear de modo específico cada variação do modelo no espaço e no tempo, segundo o próprio Pardo, como também a incerteza sobre o destino para o qual nos encaminhamos, são características inevitáveis da consciência moderna

[19] (Cacciari, M., 2011, p. 77).

[20] “[...] la pluralidad de este tipo de fórmulas sucesivas y alternativas, rápidamente agotadas sin embargo (como los `neo-`, los `post-`, los `micro-`, los `ultra-`, los `intra-`, los `trans-`, los `tele-`, los `tardo-`, etc) pudiera tener que ver con una cierta imposibilidad y una cierta impotencia de los tiempos modernos para pasar, para dejar paso a otros tiempos que no sean ya modernos [...] incluso hasta el punto de que estas preguntas (hacia que? desde onde?) sean preguntas superfluas porque, de alguna manera, estamos instalados permanentemente en la transición”. (Pardo, 2011, p. 354-355).

que tenta racionalizar seu posicionamento em relação ao passado como meio de certificar a distancia com respeito ao mesmo, e é o crescimento incessante dessa distancia entre passado e presente o que nos produz a certeza de nossa modernidade, e a experiência do passado como algo “que ya no podemos resucitar, puesto que en cuanto tales, es decir, en cuanto perdidos, en cuanto irre recuperables, están preservados en su propia perdición y en su propia irre recuperabilidad y permanecen asidos a nuestra experiencia del tiempo”^[21].

A consciência de nossa complexa relação com o passado, inequivocamente ligada a experiência moderna, não é apenas uma questão temporal, mas sim também um problema espacial, posto que por detrás desse estranhamento que descreve Pardo, por um lado se entrincheram as diferenças sociais e as diferenças locais e, por outro, observam-se condicionantes de uma lógica de produção mundializada. Na cidade da reestruturação produtiva das últimas décadas, de uma nova articulação entre Estado e espaço urbano, da preponderância do capital financeiro que produz o espaço como mercadoria enquanto condição de sua realização, por meio da qual se constituem novos sentidos de urbanidade, questiona-se em que medida é possível argumentar por uma visão mais ou menos estruturada da experiência humana e de sua identidade urbana. A análise que propomos abre-se aos interrogantes de um processo de hegemonia global condicionado pelo capital, caracterizado pela a comodificação e consumo do espaço urbano, que apresenta singularidades e especificidades em um processo que contrapõem a (de)saturação desse espaço a sua (de)substanciação.

Mesmo que se argumente, ao menos em parte, que esses processos não possam ser plenamente caracterizados como novos, acreditamos que eles apresentam duas conformações imediatamente passíveis de serem caracterizadas como inéditas, sua extensão e sua naturalização.

Sob essa ótica, esta reflexão, reconhecendo as tensões e liminaridades entre processos de produção da cidade contemporânea e os domínios público e privado, busca iluminar o modo como alguns índices de “contemporaneidade” alteram esta relação, tendo

[21] Ibid p 362.

o consumo como estruturante das relações socioespaciais, do desenvolvimento de novos modos de apropriação e interação com o espaço (ou resignificação de usos já existentes), ou ainda na emergência de diferentes formas de domínio do espaço.

Entendemos que a investigação das dimensões da produção e reprodução da cidade contemporânea deva considerar relações e tangências que possam caracterizar espacialidades e fenômenos urbanos redefinidos, em seus contextos e relações, uma vez que o espaço urbano resulta de formas singulares da relação entre o homem e seu espaço físico de representação das relações humanas - traços caóticos de confluência de pluralidades que percorrem a multiplicidade de culturas e modos de vida, que regem e participam dos acontecimentos. Todavia, observa-se uma lógica mundializada de (re)produção do espaço urbano em que o consumo comparece como categoria privilegiada de significação e estruturante das relações socioespaciais, em detrimento das relações de sociabilidade e alteridade, articulando e condicionando, na cidade contemporânea, a (re)significação do espaço.

Em termos específicos, é sobre a perspectiva de um “*destempo*” de experiência no urbano que se propõe investigar os processos de produção da cidade, na sua dinâmica de afeições e apreensões que se desencadeiam a partir de vestígios materiais, como consequência do despojamento ou abandono do desejo de modernidade. Nesse sentido, propõe-se uma reflexão do pensar lentamente pela prática do desvio; o pensar lento do desvio benjaminiano, conexões do desvio de uma estrutura de questionamento distinta, não racionalizada em categorias e taxonomias, que busque apreender e estimular qualidades de resignificação do reconhecido.

Referências

BAUMAN, Z. **Confiança e Medo na Cidade**. São Paulo: Zahar, 2009.

_____. **MODERNIDADE LÍQUIDA**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

Borden, I.; Kerr, J. (eds). **THE UNKNOWN CITY. CONTESTING ARCHITECTURAL AND SOCIAL SPACE**. Cambridge: The MIT Press, 2002.

Brighenti, A. **M. THE PUBLICNESS OF PUBLIC SPACE. ON THE PUBLIC DOMAIN**. Quaderno 49, Março 2010. Disponível em: <http://www.unitn.it/files/quad49.pdf>.

Cacciari, M. **LA CIUDAD TERRITORIO (la post-metrópolis)**. In ARENAS, L. Y FOGUÉ, U. ed. (2011) Planos de (Inter)sección: materiales para un diálogo entre filosofía y Arquitectura. Lampreave, Madrid, p. 77.

Crary, J. **LATE CAPITALISM AND THE ENDS OF SLEEP**. London: Verso, 2013.

Delgado, M. **EL ESPACIO PÚBLICO COMO IDEOLOGÍA**. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2011

_____. **BARCELONAL LA FALACIA DE LA CIUDAD MENTIROSA**. Madrid: Ediciones Siruela, 2008

_____. **EL ANIMAL PÚBLICO**. Madrid: Ediciones Siruela, 2002

_____. **MEMORIA E LUGAR: EL ESPACIO PÚBLICO COMO CRISIS DE SIGNIFICADO**. Valencia: Ediciones Generales de la Construcción, 2001.

Esposito, R. **CATEGORIAS DO IMPOLÍTICO**. Buenos Aires: Katz Editores, 2006

Foster, H. **DESIGN AND CRIME AND OTHER DIATRIBES**. London: Verso, 2002.

Friedmann, J. **THE INVISIBLE WEB: PLACE AND PLACE-MAKING IN CITIES.** 2007.
In <http://www.scarp.ubc.ca/faculty%20profiles/place-making.doc>

Han, B. **C.THE TRANSPARENCY SOCIETY.** Stanford: Stanford University Press,
2015

_____.THE BURNOUT SOCIETY. **Stanford: Stanford University Press,**
2015a

Harvey, D.REBEL CITIES: FROM THE RIGHT TO THE CITY TO THE URBAN
REVOLUTION. **London: Verso, 2012**

_____.SPACES OF HOPE. **Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003.**

Latour, B. **REASSEMBLING THE SOCIAL.AN INTRODUCTION TO ACTOR-
NETWORK THEORY.Oxford: Oxford University Press, 2005.**

Laval, C; Dardot, P.LA NUEVA RAZÓN DEL MUNDO. **Barcelona: Gedisa Editorial,**
2013

Low, S. **M.ON THE PLAZA – THE POLITICS OF PUBLIC SPACE AND CULTURE.**
Austin: University of Texas Press, 2000.

Lussault, M.HYPER-LIEUX: les nouvelles géographies de la mondialisation. **Paris:**
Éditions du Seuil, 2017.

Muñoz, F.URBANALIZACIÓN. **PAISAJES COMUNES, LUGARES GLOBALES.**
Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 2008

Orellana, R.C. **PANOPTISMO, BIOPOLÍTICA Y ESPACIO RE-FLEXIVO.**
Madrid:Ediciones Computense, 2008

Paans, O.; **Pasel, R.** SITUATIONAL URBANISM. Berlin: Verlag GmBh 2014.

Pardo, J. L. **DESCULPEN LAS MOLESTIAS. ESTAMOS TRANSITANDO HACIA
UM NUEVO PARADIGMA.** in Arenas, L; Fogué, U. (eds) Planos de (Inter)sección:
materiales para un diálogo entre filosofía y Arquitectura. Madrid: Lampreave, p. 354-
355, 2011.

Sorkin, M. **VARIATIONS ON A THEME PARK: THE NEW AMERICAN CITY AND
THE END OF PUBLIC SPACE.** New York: Hill and Young, 1997.

Unger, R. **PUBLIC SPACE: FROM PUBLIC TO SOCIAL SPACE.in ‘GSD News,
Winter-Spring’, págs. 3-14.** Cambridge: 1995.

Zaera Polo, A. **LA ORGANIZACIÓN MATERIAL DEL CAPITALISMO AVANZADO.**
I'Domino Arquitectura' nº 2.P. 43-56, Montevideo, 1998.

Zukin, S. **NAKED CITY: death and life of authentic urban places.** Oxford: Oxford
University Press, 2010